

A intervenção arquitectónica na Torre de Vilar Vilar do Torno, Lousada

*Miguel Malheiro**

Resumo

A intervenção no património edificado pressupõe a criação de uma metodologia de intervenção prévia, a qual dita todo o encadeamento posterior, culminando na obra realizada. Esta metodologia é definida caso a caso, consoante o estado de conservação do imóvel em causa, o tipo de operação pretendido, e o alcance que se pretende com a obra a levar a cabo. Assim se seguiram os pressupostos de intervenção na obra realizada na Torre de Vilar. O processo de trabalho iniciou-se com a limpeza dos matos envolventes, tendo sido seguidamente realizados trabalhos de diagnóstico e análise arqueológica da estrutura existente. A partir destes dados definiu-se o projecto de arquitectura, que pretendeu salvaguardar a estrutura existente, com o fecho de vãos e cobertura, e paralelamente proporcionar a subida ao «adarve», dada a qualidade paisagística observável naquele ponto. Esta intervenção estendeu-se pela envolvente próxima, com a criação de infra-estruturas de ligação e fruição do imóvel e sua envolvente, e apoio aos futuros visitantes.

Abstract

The intervention in the built up patrimony presumes the creation of a methodology of previous intervention, which dictates the entire posterior connexion, culminating in the final work. This methodology is defined case by case, depending on the state of conservation of the building under study, the intended type of operation and the goal to achieve with the work. Thus were followed the intervention presuppositions of the work done in Torre de Vilar. The work process started with the cleaning of the surrounding woods, followed by diagnosis and archaeological analysis of the existing structure. From that data the architecture project was designed and it wanted to safeguard the existing structure by closing wall channels and canopy and, at the same time, by offering the ascension to the “adarve” (parapet), due to the quality landscape one can observe from there. This intervention went farther with the creation of infrastructures of connection and fruition of the building and the surroundings, as well as a support to visitors to be.

* Arquitecto. Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada do Porto

Gostaria de iniciar esta apresentação pelo facto de esta intervenção que vou relatar a seguir se inserir no seio da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), na repartição regional do norte. A minha colaboração com esta direcção prolongou-se por mais de uma década, e devo assinalar que encontrei neste organismo uma “escola” de intervenção no património sem paralelo no país, permitindo um contacto contínuo com instituições com especial dedicação a estas questões do património, como a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, firmas especializadas no restauro e conservação do património móvel, bem como empresas de construção civil que por mais de quatro décadas colaboraram assiduamente com a DGEMN. Esta interdisciplinaridade permitia um profundo conhecimento das características do edifício, detecção e avaliação das patologias reveladas pelos edifícios, assim como o conhecimento de técnicas construtivas tradicionais. A avaliação do estado de conservação, diagnóstico e intervenção no património foi sendo feita com o contributo de várias disciplinas, permitindo realizar intervenções no património construído com um amplo conhecimento técnico e científico. Estas considerações preliminares, prendem-se com o facto relevante deste ano de 2007 se tratar de um ano fatídico para o património arquitectónico português, porque corresponde à extinção desta instituição, com mais de 80 anos de actividade, numa época em que todas as nações fortalecem as instituições que tratam de fazer perdurar o património, e que em Portugal se aniquila uma das instituições com maior relevo e responsabilidade na conservação e restauro do património português.

Passemos agora ao imóvel objecto de intervenção, a Torre de Vilar, que se localiza no lugar da Torre, no termo da freguesia de Vilar do Torno e Alentém, concelho de Lousada. No âmbito da criação da Rota do Românico do Vale do Sousa, foi necessário realizar a beneficiação

geral deste imóvel, cabendo-me a tarefa de efectuar a análise, diagnóstico e intervenção (Fig. 1).

Aponta-se a data de construção da Torre de Vilar, entre a segunda metade do século XIII e o início do século XIV, e mais do que uma construção militar, este edifício é um símbolo do poder senhorial sobre o território.

Segundo as *Inquirições* de 1258, *Sancte Marie* de Vilar era Honra de D. Gil Martins e dos seus descendentes, da estirpe dos Riba Vizela. Gil Martins é o rico-homem referido naquelas *Inquirições*, como detentor de quatro casais na *colação* de Santa Maria de Vilar. Casou com uma das principais herdeiras dos Senhores da Maia, Maria Anes da Maia, e a ele se deverá a construção desta Torre.

Em 1367, o rei D. Fernando doa Vilar de Torno, Unhão e Meinedo a Aires Gomes da Silva, documentando-se a manutenção da Torre na mesma família, ao longo do século XV. Conforme refere a documentação da chancelaria de D. Duarte, o rei faz uma concessão ao sobrinho-neto de Aires Gomes da Silva, em 1434, na qual é nomeada, explicitamente, a Torre de Vilar (AA. VV, 2005: 251).

A Torre de Vilar apresenta uma planta rectangular, erguendo-se sobre um afloramento granítico (Fig. 2). As paredes, com mais de um metro de espessura, são de excelente aparelho de cantaria granítica, e



Figura 1. Implantação da Torre de Vilar, antes das obras.



Figura 2. Cortes do projecto de recuperação e valorização geral da Torre de Vilar.

foram os únicos elementos que se encontraram na primeira visita ao imóvel, tendo desaparecido as estruturas e elementos secundários de madeira. As fachadas apresentam numerosas seteiras e duas janelas rectangulares, subsistindo no seu interior diversos níveis de mísulas salientes que constituíam os apoios correspondentes aos vigamentos de pisos. Na fachada Sudeste existe um vão rectangular, supostamente posterior à construção original segundo a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, por onde se acedia pelo exterior, através de uma escada de madeira (Fig. 3). O último piso corresponderia ao adarve que circundava o topo das paredes, que rematam num muro ameado mais estreito, sobre o qual deveriam assentar merlões, entretanto desaparecidos (AA. VV., 2005: 252).

A análise estrutural, realizada pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, revelou a necessidade de realizar consolidações pontuais na base da Torre, dada a ocorrência de deslizamentos pontuais de elementos da cantaria. Para além disso, foi detectado o crescimento de uma hera de dimensões consideráveis ao longo do cumhal orientado a Poente, motivando deslocamentos nos elementos de cantaria, bem como uma fissura

de dimensões consideráveis ao longo da fachada Noroeste, necessitando urgentemente de uma desinfestação geral dos elementos vegetais, seguida de uma consolidação com caldas cimentícias realizadas à base de cal. Para além disso, verificou-se que as argamassas que serviam de colagem dos elementos de cantaria entre si, bem como as argamassas existentes entre as duas paredes que formavam cada muro, desapareciam devido à exposição às intempéries, facto que se deveria evitar, já que a estrutura se ia fragilizando no tempo, podendo a qualquer momento ocorrer o seu colapso (Fig. 4).

Depois de avaliado o estado de conservação do edifício, partiu-se para a definição da intervenção a realizar, e para isso era necessário compreender e conhecer que estrutura tinha sido esta, qual a sua relação simbólica com a comunidade, para definirmos o seu destino no futuro.

Assim, iniciou-se esta investigação pela compreensão dos tipos de residência senhorial existentes na época gótica, registando que no Norte de Portugal existiriam dois, segundo Mário Barroca: o paço nobre e a *domus fortis* (Almeida e Barroca, 2002: 124-128). A



Figura 3. Alçado Sudeste.



Figura 4. Alçado Sudoeste.

Torre de Vilar corresponderia ao último tipo, seguindo um modelo reportado à arquitectura de castelos, correspondendo a uma residência senhorial fortificada, adoptado por pequenas linhagens em ascensão social muito motivadas na sua afirmação junto das comunidades locais (Almeida e Barroca, 2002: 103) e na amostragem da sua prosápia. A torre seria normalmente construída em planta quadrangular, conferindo à habitação um sentido fortificado física e simbolicamente. Tal como nas Torres de Menagem, era ao nível do primeiro piso e não ao nível térreo que se encontrava

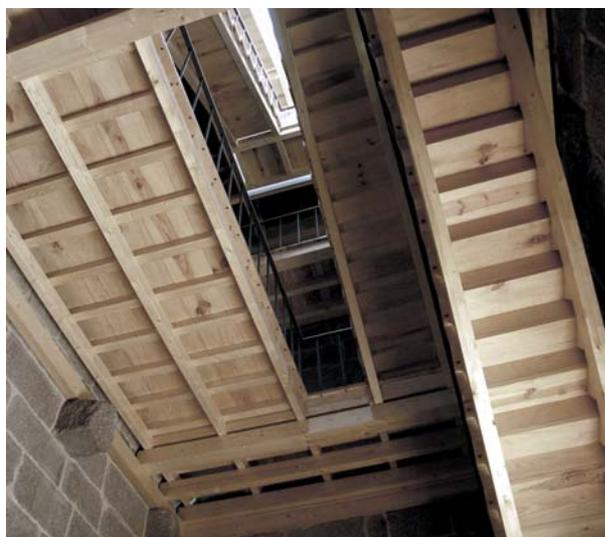


Figura 5. Vista da estrutura dos patamares, depois das obras.

a entrada principal, sendo normalmente constituída por quatro pisos (Fig. 5).

Quando o eixo vertical de um espaço centralizado ganha importância, o volume contrai e o edifício toma a aparência de torre. Por isso são acentuadas as suas qualidades corpóreas, nas quais surge uma visível acentuação da centralidade (Fig. 6). Por estas razões, a torre torna-se uma marca no terreno de nota relevante. A sua estrutura erecta serve como ponto de reunião, de percursos que levam a ela e dela partem. O topo da torre tem uma importância significativa, porque a forma básica do *axis mundi* se assinala na extre-

mididade, revelando um papel decisivo na configuração figurativa. A torre expressa assim, uma tensão espacial entre a terra e o céu, e oferece ainda o domínio da força da gravidade (Fig. 7).

A edificação, em princípio, confere uma *forma* ao espaço para exercer uma *função*. São os seus três níveis de existência, mas só os dois primeiros são indissociáveis e constituem no seu conjunto o que poderíamos chamar a sua «monumentalidade». Os condicionamentos ideológicos, religiosos, políticos, ou o simples gosto pelo inútil, podem acarretar, ou até exi-

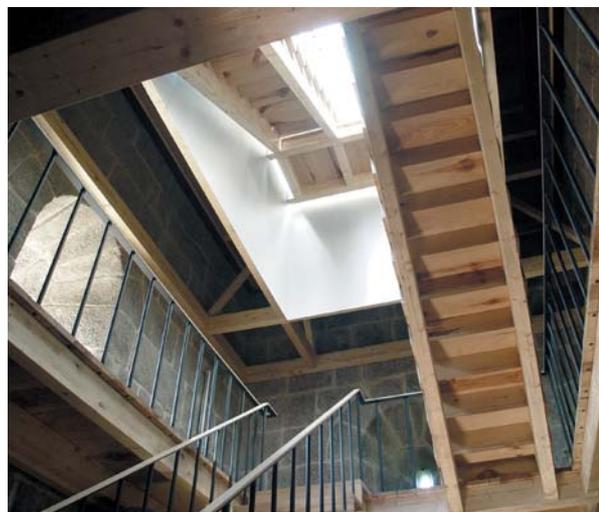


Figura 6. A estrutura iluminada pela luz natural do paralelepípedo perfurado.



Figura 7. O paralelepípedo de luz perfurado.

gir, um predomínio do monumental sobre o funcional, do simbolismo sobre a habitabilidade. São edifícios para admirar e alimentar as ficções da população. É a razão do lugar eminente que ocupa a arquitectura entre as artes da época: não só aos nossos olhos, porque as suas obras resistiram materialmente melhor do que outras ao passar do tempo, mas sobretudo porque marca, orienta, determina – e até certo ponto, lhes estão subordinadas - todas as outras actividades criadoras no seio da comunidade.

No passado, uma implantação consistia inevitavelmente numa totalidade distintiva, que emergia sobre uma paisagem corrente. Ao mesmo tempo, a paisagem envolvente, que resistentemente ainda persiste na

envolvente à Torre de Vilar, tem uma propriedade significativa, porque ela promove o entendimento da forma (Fig. 8). O carácter da envolvente é extremamente importante para a caracterização das qualidades peculiares dos monumentos, para além de assegurar a sua presença em termos concretos, porque a ordem do lugar define a sua identidade. Assim, a envolvente é imbuída com uma qualidade natural que nós identificamos na duração da nossa passagem por ela, e à qual o trabalho realizado pelo homem deve corresponder, para que a chegada e o estar seja real. Na paisagem envolvente à Torre de Vilar é notório a persistência destas qualida-

des, facto que deve ser preservado, porque o carácter peculiar desta paisagem permite a identificação do lugar. Daqui se deduz, que a arquitectura não é o resultado das acções do homem, mas por outro lado, ela concretiza o mundo que torna possíveis essas acções (Fig. 9).

A análise que se realizou consistiu em considerar o uso do lugar, no seu contexto histórico, examinando o que o passado nos ensinou e ainda continua válido.

A intervenção pretendeu acentuar estes elementos, através da reposição do outeiro existente na envolvente próxima ao imóvel, e no seu interior repor o acesso ao adarve, para domínio da paisagem agrícola que envolve o imóvel (Figura 10). Assim, no seu interior foram



Figura 8. A paisagem envolvente a partir do cimo da Torre.



Figura 9. Planta de implantação do percurso de ligação à torre, e o espaço de chegada, com marcação da construção dos patamares de implantação dos sanitários e mina de água.



Figura 10. Vista geral dos acessos à torre, depois das obras.

criados patamares, através de uma estrutura de madeira, que permitem o acesso ao topo da torre. O topo da torre é realçado através da inclusão de um paralelepípedo perfurado, por onde passa a luz que ilumina todo o acesso vertical. No exterior foram realizados percursos de ligação ao ponto de chegada, junto ao arruamento principal (Fig. 11). Neste ponto de chegada são criadas estruturas de apoio aos turistas que irão visitar a Rota no futuro, bem como valorizados os elementos envolventes, como minas de água, iluminação pública e cobertura vegetal, para além de ser criado um espaço para estacionamento automóvel. Em estudo paralelo das envolventes aos monumentos, referido acima, alertamos para a necessidade de valorizar e preservar esta envolvente agrícola ao imóvel, dado o seu valor simbólico e paisagístico de enquadramento do monumento, e porque em conjunto com ele forma uma unidade positiva no território circundante.

Nós visitamos lugares históricos, mesmo que os eventos que ali tiveram lugar tenham ocorrido no passado, mas estes lugares históricos conservam a sua vitalidade, porque não desapareceram com esses eventos, nem com os próximos que a eles se associarão.



Figura 11. O percurso.

Bibliografia

AA. VV. (2005) - “Torre de Vilar”. *Estudo de Valorização e Salvaguarda das Envolventes aos Monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa. 2ª Fase.*. Vol. 2. S./n., Porto, 2005, p. 251-252.

ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J. (2002) - O Gótico. *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, p.124-128.